



MULHERES E RAÍZES: NARRATIVAS DAS MEISINHEIRAS NO SOPÉ DA CHAPADA DO ARARIPE

Rosely dos Santos Silva¹

Universidade Regional do Cariri-URCA

COAUTOR: IARÊ LUCAS ANDRADE

E-mail: rosely52009@hotmail.com

ORIENTADOR:² Iarê Lucas Andrade

Universidade Regional do Cariri-URCA

E-mail: iareluc@gmail.com

A região do Cariri Cearense é marcada pela diversidade de bens de natureza material e imaterial que constituem o patrimônio cultural do povo do lugar e por isso é reconhecida como paisagem cultural do Brasil. Nela podem ser percebidas e registradas variadas expressões que fazem referência à identidade e à memória dos grupos sociais formadores da sociedade cearense. Como exemplos obtêm destaque as celebrações, as formas de expressão, os saberes e fazeres e os lugares que ancoram suas múltiplas memórias, que, por sua vez, remetem às culturas indígenas, africanas e ibéricas que compuseram a formação social local. Além disso, nesta região está situada a Chapada do Araripe, que contém a Floresta Nacional do Araripe, local de diversas comunidades de práticas culturais tradicionais.

¹ Graduanda em História pela Universidade Regional do Cariri – URCA, bolsista FECOP, integrante do Projeto “Narradores da Cultura Tradicional” do Laboratório de Pesquisa em História Cultural – LAPEHC/URCA.

² Orientador: Professor Doutor em História, Adjunto da Universidade Regional do Cariri – URCA, Departamento de História, Pesquisador do Projeto Narradores da Cultura Tradicional do Laboratório de Pesquisa em História Cultural – LAPEHC/URCA.



A presente pesquisa debruçou-se sobre as práticas culturais que se dedicam à saúde realizada na comunidade do Chico Gomes, pelas Meisnheiras. Trata-se de um grupo de mulheres herdeiras de um conhecimento secular, atuantes na comunidade do Sítio “Chico Gomes”, localizada no Sopé da Chapada do Araripe no município de Crato, que diariamente utilizam as ervas medicinais para curar males na comunidade. O termo Meisnheira advém das meisnhas que são os produtos com propriedades fitoterápicas. Elas materializam os saberes sobre plantas medicinais e realizam uma alquimia de remédios caseiros.

Calma e acolhedora, o sítio Chico Gomes é conhecido como comunidade cuidadora, por razão das Meisnheiras e pela diversidade de ervas que são facilmente encontradas nos quintais das mesmas. Nota-se que mesmo com os avanços científicos e tecnológicos existentes na atualidade, esta prática milenar ainda permanece se reproduzindo, pois, de certa maneira, responde às expectativas da população. (SILVEIRA e RAMIRES, 2010).

As práticas das meisnhas contém um caráter cultural e remetem sobre o modo de ser dos moradores do Chico Gomes e suas expressões singulares. Suas iniciativas mantêm viva a tradição de transformar ervas em valiosos medicamentos populares. Assim, reúnem tradição, com fé no poder de cura da natureza e conhecimento das ervas, plantas e raízes que podem ser usadas como remédio.

O presente trabalho é parte integrante do Projeto “Narradores da Cultura Tradicional” e pretende analisar a importância das Meisnheiras do Sopé da Chapada do Araripe na manutenção e preservação do saber da medicina popular na comunidade, dando visibilidade às práticas e os conhecimentos dessas mulheres referentes ao uso de ervas medicinais na cura ou prevenção de enfermidades, além de mostrar a importância do resgate do saber da medicina popular frente à medicina científica.

Torna-se importante considerar que os poderes constituídos vêm envidando esforços no sentido da regulamentação – e consequente controle – sobre essas práticas. Nesse sentido, o uso de plantas medicinais, prática amplamente difundidas em diversas comunidades brasileiras, está regulamentado pela Agência Nacional de Vigilância



Sanitária – ANVISA, desde 2013. Essa regulamentação define inclusive o termo planta medicinal como “vegetal, cultivado ou não utilizado com propósitos terapêuticos.”

Os estudos que se dedicam a essas práticas observam que as mesmas são desenvolvidas, sobretudo em contextos comunitários, onde prevalecem crenças e valores ligados ao conhecimento relativo à saúde desde tempos remotos. Por outro lado, ainda de acordo com esses estudos, nessas comunidades observa-se que existem diversos elementos de ausência relativa à assistência à saúde, o que implica a valorização das práticas tradicionais, pois, oferecem uma alternativa real e local para os problemas de saúde da comunidade.

Como referencial teórico a pesquisa estabelece um diálogo com Gaspar (2009), que considera que o uso de remédios feitos com flores, frutos, folhas, raízes e tubérculos de determinadas plantas é tão antigo quanto os primórdios da história da humanidade. Desse modo, as meisinheiras nas suas atividades cotidianas, reconstroem um saber que vem sendo repassado por gerações ao longo do tempo. Esses saberes de que são portadoras apresentam-se como emblema da memória individual e coletiva e, sobretudo, dos conhecimentos populares locais.

Outro autor considerado é Queiroz (1986) sobre o uso de plantas medicinais fazem emergir a importância da oralidade, do saber popular, da aprendizagem dialógica, bem como enfatiza a necessidade da medicina ocidental moderna recuperar o social e o cultural como dimensões que moldam inevitavelmente a doença, os tratamentos e a cura.

Sendo assim a História Oral passou a ser reconhecida como um dos campos de grande crescimento no cenário intelectual brasileiro e, por conseguinte, legitimada como uma metodologia de produção do conhecimento histórico, tida como uma importante ferramenta para a compreensão do passado e dos seus vínculos com o presente por abarcar o vasto universo das subjetividades.

O uso da fonte oral e áudio visual instiga o historiador a problematizar a construção das memórias a partir de perspectivas antes menosprezadas pelos pesquisadores e permite tecer articulações entre as subjetividades singulares e os



processos sociais, portanto, possibilita mergulhar no campo das sensibilidades e representações do mundo social através de levantamento bibliográfico e documental, trabalho de campo, entrevistas e narrativas orais (memória), com o intuito de captar as histórias de vida e participação nas atividades no cotidiano do grupo.

Desde o ponto de vista das relações sociais no grupo, as Meisnheiras tem conseguido ocupar lugar destacado com relação aos valores simbólicos na comunidade, o que lhe atribui condição de respeito frente aos demais, sobretudo enquanto portadoras de saberes – e dizeres – ancestrais e que demarcam a identidade e a própria história da comunidade. Desde essa condição, as mesmas recebem atributos de liderança em muitas ações e decisões importantes para a comunidade sendo sempre ouvidas em suas opiniões.

PALAVRAS-CHAVE: PLANTAS MEDICINAIS. IDENTIDADE. MEMÓRIA. SABER POPULAR

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U. P. Etnobotânica: uma aproximação teórica e epistemológica. **Revista Brasileira de Farmácia**. 78(3): 60-64, 1997.

ALMEIDA, E. R. **Plantas medicinais brasileiras**: conhecimentos populares e científicos. São Paulo: Hemus, 1993

AMOROZO, M. C. M. & GELY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica**, 4 (1): 47-131, 1988.

FRANÇA, I.S. X.; SOUZA, J. A.; BAPTISTA, R. S.; BRITTO, V. R. S. **Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais**. Rev Bras Enferm, Brasília 2008 mar-abr; 61(2): 201-8.

MARTINS, E.R., CASTRO, D.M., CASTELLANI, D.C. & DIAS, J.E. **Plantas medicinais**. Editora UFV. Viçosa, MG. Universidade Federal de Viçosa. 2000



QUEIROZ, M. de S. **O paradigma mecanicista da medicina, ocidental ...** Saúde públ., S.Paulo, 20:**309-17**, **1986**.